



Logos verdadeiros e logos falso no *Crátilo* de Platão

Michele Kanashiro¹

Resumo: Considerando a investigação de Platão sobre o falso no discurso, sua possibilidade e como ela se dá, alcançada com êxito pelo filósofo em um de seus diálogos da maturidade, a saber, o *Sofista*; este estudo aborda uma questão que viabiliza tal apontamento, trata-se da relação entre palavra e coisa, desenvolvida no *Crátilo*. Esse diálogo traz uma discussão entre a teoria naturalista e a convencionalista, ambas apresentando a correção dos nomes por meio de teses e perspectivas diferentes. Este texto pretende mostrar a pertinência da discussão sobre a correção dos nomes para a crítica platônica do falso no discurso, abordando alguns elementos comuns que aparecem nas duas teorias pelas quais opõem-se seus respectivos defensores. Nesse diálogo é possível notar aquilo que interessa ao filósofo: não se trata de chegar a um posicionamento sobre a teoria correta, mas de fazer uma reflexão sobre a relação entre palavra e coisa, por meio da abordagem das duas perspectivas sobre a correção dos nomes, de modo a mostrar que há o *logos* verdadeiro e o *logos* falso.

Palavras-chave: Platão. Discurso. Falso. *Logos*.

Abstract: Considering Plato's research about the false discourse, its possibility and how it is done, successfully achieved by the philosopher in one of his maturity dialogues, namely, the *Sophist*, this study approaches an issue that enables this idea, concerning about the relationship between word and thing, developed in *Cratylus*. This dialogue brings a discussion between the naturalist and conventionalist theories, both presenting the correction of the names using different theories and perspectives. This text aims to present the relevance of the discussion about the correction of the names to the Platonic critique about the false discourse, addressing some common elements that appear in both theories, where the defenders oppose to each other. It is possible to notice in this dialog that the philosopher is not interested in taking sides on the correct theory, but in thinking over the relationship between word and thing, through both perspectives about the correction of the names to prove that there are true and false *logos*.

Keywords: Plato. Discourse. False. *Logos*.

* * *

Gadamer, ao abordar a relação de linguagem e *logos*, afirma que a filosofia grega se inicia com o conhecimento de que a palavra é somente nome, ou seja, não representa (*vetritt*) o verdadeiro ser. “É essa brecha que abre a pergunta filosófica. Crer na palavra e duvidar da palavra caracterizam o estado da questão onde o pensamento da ilustração grega via a relação entre palavra e coisa.” (GADAMER, 2008, p. 524).

No diálogo *Crátilo*, a relação entre palavra e coisa é problematizada. Sócrates e seu interlocutor, que dá nome ao diálogo, evidenciam essa distinção: uma coisa é o

¹ Graduanda em Filosofia pelo Centro Universitário São Camilo. Orientador: Prof. Bruno Loureiro Conte. Email: michele.k86@gmail.com.



nome e outra coisa aquilo de que é nome. Essa relação traz alguns aspectos que interessam à investigação platônica sobre a possibilidade do falso no discurso. (PLATÃO, 2001, 430a).

Os personagens Crátilo e Hermógenes defendem perspectivas opostas: o primeiro defende a tese naturalista, de que cada um dos seres tem um nome correto que lhe pertence por natureza e o segundo a tese convencionalista da correção dos nomes, a qual consiste numa convenção e acordo, de modo que o nome que alguém puser a uma coisa será o nome correto. (PLATÃO, 2001, 383a; 384b). Por meio da discussão dessas duas teorias que são apresentadas por cada um deles de modo extremo, Sócrates faz seus defensores perceberem aquilo que não se sustenta em cada uma delas. O diálogo não chega a uma posição unilateral, o que em Platão tem sua razão de ser, pois não se trata de aderir a uma ou outra tese, mas a reflexão a que Sócrates conduz os interlocutores a realizar traz aspectos da relação entre palavra e coisa.

Uma semelhança que há nas duas teorias é a impossibilidade de conceber o discurso falso, a argumentação na defesa de cada uma não permite a distinção entre verdadeiro e falso. A teoria convencionalista é defendida com a tese de que o nome que alguém puser numa coisa será o nome correto dela e se mudá-lo e já não lhe chamar pelo primeiro nome convencionalizado, o segundo não seria em nada menos correto que o primeiro. (PLATÃO, 2001, 384d). A teoria naturalista é defendida por Crátilo com a afirmação de que todo nome é correto. Ao ser questionado por Sócrates pelo fato desta afirmação sustentar a impossibilidade de dizer falsidades, o defensor desta perspectiva reforça sua posição interrogando como seria possível, a alguém que diz, dizer o que não é. Sendo esta a definição de falsidade, afirma que isso não é possível. (PLATÃO, 2001, 384d). Sobre essa questão no diálogo, Trindade Santos afirma que “esta concepção, apoiada no princípio de que ‘não é possível dizer o que não é’, reduzia o discurso à função de experiência do falante, servindo ainda para negar a possibilidade da contradição” (PLATÃO, 2001, 429c-d). Esta é a tese que será refutada no diálogo Sofista, visto que nega a possibilidade do falso no discurso.

Hermógenes, o defensor da teoria convencionalista, é levado a admitir não ser possível que o nome que alguém puser a alguma coisa seja um nome tão correto quanto, se depois não chamar mais à coisa por este nome, mas por outro. Sócrates usa o exemplo de nomear cavalo àquilo que já se chama homem: ao aderir a essa tese por meio desta hipótese, faz o defensor desta perspectiva admitir ser possível fazer um



discurso falso (*logos pseudês*). Sendo assim, o nomear arbitrariamente não é correto e não teria sentido em haver uma forma comum de denominar, se cada homem denominasse de forma inteiramente arbitrária, como foi exposto primeiramente. (PLATÃO, 2001, 384d-c). Parte-se do pressuposto de que deve haver um caráter comum para a possibilidade da linguagem. (GADAMER, 2008, p. 526).

A tese naturalista é refutada pelo fato de que não deve haver uma coincidência ou semelhança natural entre a palavra e coisa. Crátilo é conduzido por Sócrates a admitir que uma coisa seja o nome e outra aquilo de que é nome (430a). Concorde também que os nomes não podem ser idênticos às coisas de que são nomes: se fosse assim não seriam nomes, mas duplos das coisas (432d). Por meio desta investigação, fica elucidado algo que interessa a Platão e que caracteriza o surgimento da filosofia: a distinção de que o nome não é a coisa. (GADAMER, 2008, p. 524).

Sócrates desfaz essas duas posições extremas, tanto a que considerava verdadeiro todo uso arbitrário da linguagem quanto a que considerava tudo o que é nomeado como correto. Essa análise que refuta tais posições é relevante à filosofia platônica visto que, constatando que há a distinção entre discurso verdadeiro e discurso falso, abre-se a possibilidade de discernir entre eles. (PLATÃO, 2001, 384b, 431b). Este discernimento se torna, então, a questão a ser tratada e consiste em investigar o falso (*pseudês*) e apontar como se dá sua possibilidade, ou seja, como é possível dizer o que não é como sendo. Esse segundo ponto é desenvolvido satisfatoriamente no diálogo *Sofista* com a reformulação da concepção eleática da contrariedade, substituída pela noção de *não-ser* como alteridade. (PLATÃO, 1979, 242 a ss). Esse desenvolvimento é possível mediante o êxito do primeiro ponto: a investigação sobre o falso. Para adentrar na “caça ao sofista” (PLATÃO, 1979, 235c), no diálogo *Sofista*, é pertinente a definição que ele dá para discurso falso no *Crátilo* que corresponde à mesma definição que aparece ali. Trata-se de conceber verdadeiro e falso como “qualidades (*poia*) do discurso, excluindo a possibilidade da sua atribuição aos nomes.” (SANTOS, 2001, p. 23).

Diante da discussão de Sócrates com seus interlocutores, no diálogo *Crátilo*, é possível afirmar que o portador da verdade não é o nome, pois se assim fosse não teria sentido falar do falso. Partindo da diferença entre *logos* verdadeiro e *logos* falso, Sócrates reflete no fato de que as palavras (*onomata*), são verdadeiras ou falsas na medida em que o nomear, como uma parte do falar, abarca essa possibilidade. Essa



conclusão se dá pela afirmação de que todo discurso pode ser verdadeiro (*logos alêthês*) - aquele que diz as coisas como são (*ta onta legêi hês estin*) - ou falso (*pseudês*), o que as diz como não são (*hês ouk estin*). (PLATÃO, 2001, 385b-c). Deste modo, as palavras como parte do discurso podem ser verdadeiras ou falsas, não sendo a palavra (*onomata*) a portadora da verdade, mas sim o *logo*. (GADAMER, 2008, p. 533).

No diálogo *Fédon*, Sócrates aponta para uma distinção entre a coisa e a palavra, que é a sua imagem. Afirma que sua reflexão o levou a buscar refúgio nos argumentos (*eis tous logous*) e procurar neles a verdade das coisas (*tôn ontôn tén alethêian*). (PLATÃO, 1979, 100a, tradução nossa). Isso se dá no momento em que faz uma analogia com a atitude das pessoas que observam o eclipse do sol: algumas pessoas estragam a vista por não tomarem a precaução de observar a imagem do sol refletida na água. Nessa analogia, a imagem é a palavra que reflete a realidade. O *logos* é tomado como base, pois segundo o juízo (*krinein*) de Sócrates é o mais sólido:

Tudo aquilo que seja consoante (*synphonein*) ao *logos* eu o considero como sendo verdadeiro (*alethê*) e aquilo que não lhe é consoante, eu o rejeito como erro (*ouk alethê*). (PLATÃO, 1979, 100a).

Sócrates não aceita sem reservas que uma observação *en tois logois*, que é por imagem (*eikosi*), seja melhor do que examinar nas coisas efetivas (*en ergois*). (PLATÃO, 1979, 99a). Porém, é para o *logos* que ele se inclinará, afirmando que a base (*hypothemenos*) da investigação do que é verdadeiro (*alethê*) é o *logos*. Platão confere à palavra, enquanto parte do discurso (*logos*), ser o critério que revela a realidade (*alethê tów ontôn*). (PLATÃO, 1979, 100a).

No diálogo *Crátilo* (PLATÃO, 1979, 385b-c), a possibilidade da palavra ser verdadeira ou falsa é conclusão de uma premissa maior, a saber, a de que o discurso pode ser verdadeiro ou falso e a palavra assim é por ser parte do discurso, não estando encerrada nela a verdade das coisas; assim também essa questão da palavra apenas como parte do discurso aparece no *Sofista* com o mesmo sentido (PLATÃO, 1979, 262a-b). Os personagens estrangeiros de Eléia e Teeteto investigam se o *não-ser* se prende ao discurso e à opinião ou se estes últimos são absolutamente verdadeiros e, então, jamais falsos. (PLATÃO, 1979, 261c). Nessa investigação, o Estrangeiro afirma que somente os nomes e, também, os verbos enunciados sem o acompanhamento de um nome jamais formam um discurso (*logos*), por exemplo, dizer: “anda, corre, dorme”, um verbo após



o outro, ou dizer os nomes: “leão, cervo, cavalo” (PLATÃO, 1979, 262b) e todos os demais nomes são séries das quais jamais resultou discurso algum:

[...] pois os sons assim proferidos não indicam uma ação nem uma inação, nem o ser de um ser ou de um não-ser, pois não unimos verbos aos nomes. Somente unidos haverá o acordo e, desta primeira combinação nasce o discurso que será o primeiro e mais breve de todos os discursos. (PLATÃO, 2001, 262c).

O estrangeiro explica aquilo que caracteriza o *logos*: não deve ser apenas nome ou uma série de palavras, mas o discurso que se dá com palavras o é sendo uma indicação relativa a coisas que são, ou se tornaram, ou foram, ou serão. Deste modo, “não se limitando a nomear, mas permitindo-nos ver que algo aconteceu, entrelaçando verbos e nomes. Assim, dissemos que ele discorre, e não somente que nomeia, e, a esse entrelaçamento, demos o nome de discurso.” (PLATÃO, 1979, 262d). É possível verificar que estas coisas, sobre as quais discorre o discurso, coisas que são, se tornaram, foram ou serão, não são imóveis, nem imutáveis.

A reflexão que Platão faz sobre estes aspectos do *logos* é imprescindível para que se possa identificar a possibilidade do falso no discurso, que viabiliza ao sofista dar aos seus discípulos a impressão de serem oniscientes sem o serem na realidade. (PLATÃO, 1979, 233c). Os personagens Estrangeiro e Teeteto se vêem frente a uma questão extremamente difícil, pois, como aparece na fala do primeiro:

Mostrar e parecer sem ser, dizer algo sem, entretanto, dizer com verdade, são maneiras que trazem grandes dificuldades, tanto hoje como ontem e sempre. Que modo encontrar, na realidade, para dizer ou pensar que o falso é real sem que, já ao proferi-lo, nos encontraremos enredados na contradição? (PLATÃO, *Sofista*, 236e).

Há uma grande dificuldade ao considerar a hipótese levantada pelo Estrangeiro, que esforçar-se por enunciar o não-ser é nada dizer e, como ao início da caça ao sofista, evitar até mesmo a tentativa de transportar para o não-ser o que quer que seja do número, pluralidade ou unidade, pois deste modo não se pode nem sequer falar dos não-seres, ao fazê-lo já se lhes atribui a pluralidade e ao falar do não-ser já se lhe atribui a unidade. (PLATÃO, 1979, 237e; 238c). Eles afirmam, a princípio, que não é correto pretender unir ser e não-ser.



Para que seja possível descobrir o refúgio em que o sofista se esconde, é necessário concluir estas duas investigações: se o não-ser se prende ao discurso e à opinião, o que possibilitaria apontar o falso no discurso e então, de que modo o ser se enlaça ao não-ser, dada a contradição de enunciar o não-ser, que seria, segundo a tese parmenídica apresentada pelo Estrangeiro, impensável, inefável e impronunciável.

Dada a definição do discurso como o entrelaçamento de verbos e nomes que permite ver que algo aconteceu, o estrangeiro de Eléia cita o exemplo de dois discursos: o primeiro, “Teeteto está sentado” e o segundo, “Teeteto voa”, atribuem a cada um uma qualidade: ao primeiro a de verdadeiro e ao segundo a de falso. Pois o verdadeiro diz do ser Teeteto tal como ele é, e aquele que é falso diz outra coisa que aquilo que é. Diz, portanto, algo que não é (Teeteto que voa) *como sendo*. (PLATÃO, 1979, 263a-b). Neste ponto do diálogo já está desfeita a hipótese de que enunciar o não ser é nada dizer (PLATÃO, 1979, 237e), pois ao enunciar algo que não é enuncia-se, como vimos, alguma coisa (PLATÃO, 1979, 237e). Este não-ser não é o contrário do ser, mas, explica o Estrangeiro:

[...] esse discurso diz coisas que são, mas outras, que aquelas que são a teu respeito; pois como dissemos, ao redor de cada realidade há, de certo modo, muitos seres e muitos não-seres... Assim, o conjunto formado de verbos e de nomes, que enuncia, a teu respeito, o outro como sendo o mesmo, e o que não é como sendo, eis, exatamente, ao que parece, a espécie de conjunto que constitui, real e verdadeiramente, um discurso falso. (PLATÃO, *Sofista*, 263d).

Conceber o não ser como alteridade, como o outro do mesmo, permite lançar luz sobre o refúgio no qual se abriga o sofista. Pois desfaz a afirmação de que não se pode dizer o não ser e, como consequência desta, a de que tudo o que se diz é. Argumento este que viabilizava ao sofista dizer sobre tudo sem, no entanto, dizer com verdade. (PLATÃO, 1979, 233 c ss). Pois não estava elucidado o fato de que dizer sobre o não ser é dizer sobre algo, é dizer de outro como sendo o mesmo, ou seja, a definição de *logos* falso: dizer aquilo que não é como sendo. Para mostrar como se dá a possibilidade do discurso falso, no diálogo *Sofista*, Platão já parte do pressuposto que há a distinção entre *logos* verdadeiro e *logos* falso, como ele desenvolveu no diálogo *Crátilo*. Ao retomá-la, visando a crítica ao sofista, desenvolve a distinção que já ali se elaborava, mas agora segundo as bases do entrelaçamento de ser e não-ser.



Referências

- CASSIN, B. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira et al. 1. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- GADAMER, H. G. *Verdade e Método I – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PLATÃO. *Dialogos (Banquete, Fédon, Sofista, Político)*. 2. ed. Trad. J. C. de Souza, J. Paleikat e J. C. Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- _____. *Crátilo*. Trad. Maria José Figueiredo, Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- PLATON. *Oeuvres Complètes. Cratyle*. Paris: Les Belles Lettres, 1920-1956. Tomes VIII. (CUE - Collection des Universités de France).
- _____. *Oeuvres Complètes. Le Sophiste..* Paris: Les Belles Lettres, 1920-1956. Tomes VIII. (CUE - Collection des Universités de France).
- SANTOS, J. G. T. Introdução. In: PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Inst. Piaget, 2001. p. 9-42.
- _____. Para ler Platão II: o problema do saber nos diálogos sobre a teoria das formas. São Paulo: Loyola, 2008.